

O PERFIL DOS ALUNOS E ALUNAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: alfabetização e diversidade*

Núbia Nafaiete Ferraz Ferreira**

INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR FRANCISCANO-IESF

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise à cerca do Perfil dos Alunos e Alunas da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. As mudanças ocorridas com o passar do tempo e quem são esses alunos e alunas da EJA, como vivem, quais são suas dificuldades e anseios e suas perspectivas em relação a sua vida estudantil. Para tanto, mostram-se as dificuldades que alguns encontram em se relacionar com pessoas de costumes, personalidades, tradições e modos de vida tão diferentes. As dificuldades principalmente dos alunos da zona rural, pois o acesso à escola de maneira em geral, é mais difícil. O trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, onde foi explorada a questão da educação de jovens e adultos no Brasil, os desafios encontrados pelos educadores que em sua grande maioria não tem formação para enfrentar tal desafio, as salas de aula que deixaram de ser padrão para se tornar salas mistas e principalmente, um poder público egoísta com interesses próprios. Portanto, o referido estudo, mostra vitórias e superações de muitos alunos e alunas que hoje estão terminando o ensino superior e que sentem orgulho de dizer que terminou o ensino médio em uma sala de aula da EJA.

Palavras-chave: Vivência. Superação. Perfil. Direitos. Jovens. Adultos.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como temática, o perfil dos alunos e alunas da Educação de Jovens e adultos, onde se têm uma visão de mundo sobre uma pessoa que retorna aos estudos depois de adulta, após um tempo afastado da escola, ou mesmo daquela que inicia sua trajetória escolar nessa fase da vida, o que é bastante peculiar. Protagonistas de histórias reais e ricos em experiências vividas, os alunos Jovens e Adultos configuram tipos humanos diversos. São homens e mulheres que chegam à escola com crenças e valores já constituídos.

Entende-se que esses alunos e alunas da EJA, juntamente com seu professor e com tantas dificuldades encontradas diariamente, podem tornar o ambiente escolar harmonioso, pelas suas experiências de vida e por seus modos diferentes de ver e perceber as coisas. Já o professor por sua vez, pode absorver todas as informações e relatos da vida cotidiana desses alunos e aprimorar a sua

Artigo científico apresentado ao Curso de Pedagogia do Instituto de Ensino Superior Franciscano para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

**Graduanda do 8 período do Curso de Pedagogia do Instituto de Ensino Superior Franciscano.

aula, de maneira que os alunos se sintam inserido e que possam, mesmo depois de um dia cansativo, ter um aproveitamento em sala, e o professor, um melhor resultado.

O presente artigo apresenta o verdadeiro perfil dos sujeitos da EJA, suas perspectivas, suas buscas, seus anseios e por quais propósitos procuram a escolarização nas salas de aula de educação de adultos.

Dessa forma, o estudo enfatizou a seguinte problemática:

Quem são esses alunos e alunas da EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS? Como alfabetizar esses alunos e alunas com perfis tão diferentes uns dos outros? Como trabalhar com esse aluno jovem e adulto que resolve retornar a uma sala de aula depois de adultos ou que iniciam sua vida escolar em uma sala de aula da EJA?

Em busca de respostas ao problema foram estabelecidas as seguintes hipóteses:

- Os alunos jovens e adultos, pela sua experiência de vida, são plenos de um saber sensível, o que os diferencia dos demais.
- A grande maioria desses alunos e alunas da EJA é especialmente receptiva a situações de aprendizagem, manifestando interesse com os procedimentos, com os saberes novos e com as vivências proporcionadas pela escola.
- Construir uma escola na qual professore e alunos encontrem-se como sujeitos com a tarefa de provocar e produzir conhecimentos de maneira significativa e acolhedora, compreendendo e respeitando seus limites e situações.

A metodologia utilizada nesse trabalho foi de pesquisa bibliográfica e consiste na descrição detalhada dos caminhos utilizados para alcançar os objetivos, implicando na definição do tipo de pesquisa a realizar, técnicas a utilizar, instrumentos de coleta, organização, tratamento e análise dos dados, além de outros procedimentos próprios a cada sistemática definida.

Pois ao escolherem o caminho da escola os jovens e adultos optam por uma via propícia para promover o seu desenvolvimento pessoal.

O trabalho de conclusão de curso foi subdividido em capítulo, onde foi abordado um breve histórico sobre a educação de jovens e adultos no Brasil, as

problemáticas para tal projeto e como foi aceito pelos alunos e professores no geral. A adaptação dos alunos e aceitação entre si, a problemática das salas mistas e a formação de profissionais capacitados para tal tarefa.

Logo em seguida aborda-se sobre alguns projetos criados dentro da EJA, a realidade das salas de aula e suas condições físicas, as primeiras cidades brasileiras que deram início as salas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil e as principais dificuldades enfrentadas por educadores e alunos.

O capítulo seguinte tem como objetivo mostrar como pessoas com culturas e tradições tão diferentes, aprendem a conviver em um mesmo ambiente, em busca de um mesmo sonho que é o de terminar seus estudos e poderem se inserir na sociedade e deixar de fazer parte dessa estatística de “analfabetos”, podendo ajudar-se um ao outro, com suas experiências e saberes.

Para finalizar, apresenta-se a conclusão dessa pesquisa, onde possibilitou uma análise mais minuciosa sobre o perfil desses alunos e alunas da educação de jovens e adultos, seus anseios, suas perspectivas e, sobretudo superação. Revela-se também os desafios dos educadores em alfabetizar alunos de idades, pensamentos e personalidades diferentes uns dos outros. Mostra ainda a importância do saber fazer e da experiência de professores e alunos, proporcionando uma troca de conhecimento entre ambos.

2 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Nas cidades, as escolas para jovens e adultos recebem alunos e alunas com traços de vida, origens, idades, vivências profissionais, históricos escolares, ritmos de aprendizagem e estruturas de pensamentos completamente variados. A cada realidade corresponde um tipo de aluno e não poderia ser de outra forma, são pessoas que vivem no mundo adulto do trabalho, com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade em que estão inseridos.

Os alunos e alunas da EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Pode-se dizer que eles trazem uma noção de mundo mais relacionada ao ver e ao fazer, uma visão de mundo apoiada numa adesão espontânea e imediata as coisas que vê. Ao escolher o caminho da escola, a interrogação passa a

acompanhar o ver desse aluno, deixando-o preparado para olhar. Aberto à aprendizagem, eles vêm para a sala de aula com um olhar que é, por um lado, um olhar que é, por um lado, um olhar receptivo, sensível e, por outro, é um olhar ativo: olhar curioso, explorador, olhar que investiga olhar que pensa.

Alfabetizar jovens e adultos não é um ato apenas de ensino – aprendizagem é a construção de uma perspectiva de mudança; no início, época da colonização do Brasil, as poucas escolas existentes era pra privilégio das classes média e alta, nessas famílias, os filhos possuíam acompanhamento escolar na infância; não havia a necessidade de uma alfabetização pra jovens e adultos, as classes pobres não tinham acesso a instrução escolar e quando a recebiam era de forma indireta, de acordo com Ghiraldelli Jr. (2008, p. 24) a educação brasileira teve seu início com o fim dos regimes das capitâneas.

A educação escolar no período colonial, ou seja, a educação regular e mais ou menos institucional de tal época, teve três fases: a de predomínio dos jesuítas; a das reformas do Marquês de Pombal, principalmente a partir da expulsão dos jesuítas do Brasil e de Portugal em 1759; e a do período em que D. João VI, então rei de Portugal, trouxe a corte para o Brasil (1808-1821).

O ensino dos jesuítas tinha como fim não apenas a transmissão de conhecimentos científicos, escolares, mas a propagação da fé cristã. A história da educação de jovens e adultos no Brasil no período colonial se deu de forma assistemática, nesta época não se constatou iniciativas governamentais significativas.

Ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo mundo, o resultado sempre foi gratificante e muitas vezes comovente. O homem iletrado chega humilde e culpado, mas aos poucos descobre com orgulho que também é um “fazedor de cultura” e, mais ainda, que a condição de inferioridade não se deve a uma incompetência sua, mas resulta de lhe ter sido roubada a humanidade. O método Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria e prática: no processo, quando o homem descobre que sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interferir na realidade, de certa forma. Percebendo – se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que até então detêm seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra.

Na época do regime militar, surge um movimento de alfabetização de jovens e adultos, na tentativa de erradicar o analfabetismo, chamado MOBRAL, esse método tinha como foco o ato de ler e escrever, essa metodologia assemelha – se a de Paulo Freire com codificações, cartazes com famílias silábicas, quadros, fichas, porém, não utilizava o diálogo como a de Freire e não se preocupava com a formação crítica dos educandos.

Tudo começou quando o Governo Federal, através do programa Brasil Alfabetizado, conclamou a população a mobilizar-se para alfabetizar os jovens e os adultos que, por direito, deveriam ter acesso aos bens culturais que a escrita nos proporciona. A proposta, a princípio, revela a vontade de agir para atender aos que não tiveram acesso à escrita em decorrência das desigualdades sociais presentes na nossa sociedade.

No entanto, com tantos absurdos e descasos que rodeavam tal ideia, como o tempo de acabar cada modalidade que seria de seis meses, sendo que seria pouco tempo para alfabetizar os “totalmente analfabetos”, e sem falar nos locais que essas salas funcionariam e as condições físicas que essas aulas seriam dadas.

Também havia a questão dos alfabetizadores, pois eram pessoas sem formação nenhuma, que tinham como bagagem somente treinamentos básicos para assumirem tal missão que era de alfabetizar esses jovens e adultos. Não havia uma preocupação em resultados e sim em manter as salas funcionando para não perderem tais verbas.

Assim foram propostos que fossem investidos esforços e recursos para a formação de professores-alfabetizadores, que depois pudessem dar continuidade às ações iniciadas. Foi proposto, ainda, que tal investimento seja também realizado para a formação dos professores das redes públicas, que já se disponibilizam para realizar a alfabetização desses jovens e adultos.

Também não havia entendimento, sobre a ideia de que a remuneração desses professores devesse ser proporcional ao número de alunos por turma, como propunha o Governo Federal e que foi colocada em prática essa ideia. Pois foi determinado que se não tivesse o número de alunos estipulado pelo programa, a turma não funcionaria e os professores teriam que se reinventar para manter os alunos em sala para que essa evasão não acontecesse.

2.1 A EJA e alguns de seus projetos:

O Projeto Mobilização e Alfabetização de Jovens e Adultos – Rede de Solidariedade para a Cidadania foi concebido, em âmbito nacional do Programa Brasil Alfabetizado (Resolução n 6 do FNDE – Conselho deliberativo/DOU, 08 de abril de 2003), por secretarias de educação dos municípios do Estado de Pernambuco (Recife, Olinda, Santa Cruz do Capibaribe, Toritama e Vertentes). As secretarias tinham como proposta o desenvolvimento de um projeto integrado com vistas à redução dos níveis de analfabetismo no Estado.

Todas as leis protetoras são ineficazes para gerar gentileza econômica do País; todos os melhoramentos materiais são incapazes de determinar a riqueza, se não partirem da educação popular, a mais criadora de todas as forças econômicas, a mais fecunda de todas as medidas financeiras. (apud Paiva, 1983, p. 73).

No Maranhão, nos anos 2000, lançaram-se os Programas: “Por um Brasil Alfabetizado” e “Alfabetização Solidária”, onde abrangeu todas as cidades do interior do Maranhão e as concentrou na cidade de Caxias para um treinamento intensivo com as pessoas que iriam trabalhar com esses alunos, pois como já foi comentado antes, não precisava ser professor, para ser um alfabetizador. Sobre a coordenação da professora Deuzamar da Rocha, onde a intenção e a proposta de tais programas era atingir um público alvo de adultos com a faixa etária de trinta anos em diante, principalmente aqueles que nunca haviam tido contato algum com a escola, em especial os alunos da zona rural, pois a dificuldade de chegar até a escola era bem maior e também por sua força de vontade em aprender, pois eram os mais esforçados e os que mais queriam estudar pelo menos para aprenderem assinar seu nome.

Os alunos da zona rural que iniciaram sua vida escolar ou retornaram para ela lá no começo com o programa “POR UM BRASIL ALFABETIZADO”, vêm na EJA, uma oportunidade em se sentir parte de algo, em sair dessa estatística do analfabetismo no País, em pelo menos assinar seu próprio nome e poder ajudar seus filhos em uma tarefa da escola. São pessoas que enfrentam o sol durante o dia

todo, nas lavouras, plantações e até mesmo na pescaria, mas mesmo assim não desistem desse propósito em se alfabetizar, merecem respeito e dedicação por parte de todos.

As salas de aula da EJA, nos dias atuais, são compostas por adultos que não tiveram a oportunidade de estudar, ou por causa do trabalho diário e as vezes até um tanto pesado, em se tratando dos alunos da zona rural principalmente, os impediam de frequentar uma sala de aula do ensino regular, e por jovens que também trabalham durante o dia e só tem tempo para estudar à noite. A convivência dentro da sala de aula pode ser favorável aos jovens, pois a sabedoria e as experiências vividas pelos mais velhos podem servir de exemplo podendo até inspirá-los em sua vida estudantil. Alguns desses alunos iniciaram sua vida estudantil na EJA, outros já veem na EJA, a oportunidade de continuar seus estudos de onde por algum motivo, tiveram que parar.

Hoje, as salas de aula da EJA, são compostas por alunos de várias classes sociais, tanto da zona rural quanto da zona urbana.

Sabe-se que infelizmente, como já foram ressaltados, alguns professores que hoje se encontram em uma sala de aula da EJA, não são especializados e nem preparados para encarar tal desafio, pois são jogados em uma sala de aula, onde têm que ensinar e ao mesmo tempo conviver com pessoas de costumes e tradições muito diferentes e ainda assim elaborar suas aulas, dentro do contexto de cada um deles, tendo ainda que diagnosticar suas dificuldades e anseios. Portanto, esse professor tem que ser ciente que precisa preparar uma aula atrativa, diferente, que consiga prender a atenção desses alunos, pois os mesmos vêm de um dia cansativo de muito trabalho, tendo que passar por cima do cansaço para enfrentar com entusiasmo algumas horas de aula.

Alfabetizar Jovens e adultos é uma preocupação frequente e não se resume unicamente a uma tarefa escolar, pois está profundamente ligada a sonhos, expectativas de mudança e plenos para o futuro. Muitos desses jovens e adultos que não tiveram oportunidade de iniciar ou concluir as etapas nos ensinos Fundamental e Médio na idade adequada. Geralmente é depois da adolescência que o indivíduo reconhece que necessita do conhecimento escolar e passa a busca-lo. Os motivos pelos quais esses alunos não foram alfabetizados na infância são vários, como o fato de precisar trabalhar para ajudar os pais em casa, o que leva a evasão escolar,

por isso a Educação de Jovens e adultos, tornou-se uma oportunidade benéfica para os mesmos.

Tais princípios que, sem dúvida, são de domínio de todos os que têm autonomia nas atividades de leitura e escrita, não se apresenta de forma transparente para os que não foram iniciados nesses processos, ou seja, os não alfabetizados, pois são alunos que se envergonham de não saber ler e nem escrever. De Lemos (1998, p. 16-17) alerta que:

[...] uma vez transformados pela escrita em alguém que pode ler ou escrever, não é possível subtrairmo-nos a seu efeito, nem concebermos qual é a relação que aquele que não sabe ler tem com esses sinais que, para nós, apresentam-se como transparente. Ou ainda, não podemos mais recuperar a opacidade que esses sinais antes se apresentavam também para nós.

Partindo dos pressupostos que envolvem o alfabetizando da EJA, reconhecemos que o engajamento nas práticas de linguagem cotidianas, numa sociedade letrada, implica ações de natureza social e cognitiva. Assim, é preciso considerar que o alfabetizando adulto já dispõe de algumas ferramentas culturais que garantem sua inserção em diferentes práticas sociais, seja através da interação mediada por textos orais (de diferentes gêneros textuais), seja por alguns textos escritos, lidos por eles próprios (placas, rótulos, nomes), seja por “outros” (jornais televisivos, carta).

3 A IMPORTÂNCIA DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS DOS ALUNOS

Os conhecimentos já adquiridos de uma pessoa que procura tardiamente a escola são inúmeros, vamos aqui destacar duas espécies destes conhecimentos, originados das experiências de vida dos alunos e alunas da EJA: O saber sensível e o saber cotidiano.

O saber sensível diz respeito aquele saber do corpo, originado na relação primeira com o mundo e fundado na percepção das coisas e do outro.

O saber sensível é um saber sustentado pelos cinco sentidos, um saber que todos nós possuímos, mas que valorizamos pouco na vida moderna. É aquele saber que é pouco estimulado numa sala de aula e que muitos professores e professoras atribuem sua exploração apenas às aulas de artes.

No entanto, qualquer processo educativo, tanto com crianças, quanto com jovens e adultos, deve ter suas bases nesse saber sensível, porque é somente através dele que o (a) aluno (a) abre-se a um conhecimento mais formal, mais reflexivo.

Os alunos jovens e adultos, pela sua experiência de vida, são plenos deste saber sensível. A grande maioria deles é especialmente receptiva às situações de aprendizagem: manifestam encantamento com os procedimentos, com os saberes novos e com as vivências proporcionadas pela escola. Essa atitude de encantamento com o conhecimento é extremamente positiva e precisa ser cultivada e valorizada pelo (a) professor (a) porque representa a porta de entrada para exercitar o raciocínio lógico, a reflexão, a análise, a abstração e, assim construir outro tipo de saber: o conhecimento científico.

Olhar, escutar, tocar, cheirar e saborear, é as aberturas para nosso mundo interior. Ler e declamar poesia, escutar música, ilustrar textos com desenhos e colagens, jogar, dramatizar histórias, conversar sobre pinturas e fotografias, são algumas atividades que favorecem o despertar desse saber sensível.

A segunda espécie de saber dos alunos jovens e adultos é o saber cotidiano. Por sua própria natureza, ele se configura como um saber reflexivo, pois é um saber da vida vivida, saber amadurecido, fruto da experiência, nascido de valores e princípios éticos, morais já formados, anteriormente, fora da escola.

O saber cotidiano possui uma concretude, origina-se da produção de soluções que foram criadas pelos seres humanos para os inúmeros desafios que enfrentam na vida e caracterizam-se como um saber aprendido e consolidado. Em modo de pensar originado do dia-a-dia. Esse saber, fundado no cotidiano, é uma espécie de saber das ruas, pois esses alunos e alunas com vivências e experiências tão diferentes, com tantas responsabilidades vencem seus próprios limites em nome de um único objetivo que é o de aprender e terminar seus estudos. É também um conhecimento elaborado, mas não sistematizado. É um saber pouco valorizado no mundo letrado, escolar e, frequentemente, pelo próprio aluno.

O saber cotidiano não é necessariamente um saber utilitário, desenvolvido para atender a uma necessidade imediata da pessoa. Pelo contrário, pode também se configurar em uma espécie de conhecimento que requer um afastamento, uma transcendência com relação ao seu objeto.

Os conhecimentos que os alunos e alunas da EJA trazem estão diretamente relacionados às suas práticas sociais. Essas práticas norteiam não somente os saberes do dia-a-dia, como também os saberes aprendidos na escola. Assim sendo, a sala de aula acaba se tornando um espaço de intimidades entre eles, pois nesse espaço eles desabafam entre si, podendo socializar suas experiências, relatos, ideias que até podem contribuir para o seu aprendizado, se tornando assim uma troca de experiências, entre eles e o professor, tornando a sala de aula um ambiente agradável, aonde eles vão se sentir muito mais à vontade e incentivados a continuarem nessa busca pelo conhecimento, o que para eles é um desafio a ser conquistado.

A aprendizagem escolar, ao promover o conhecimento legitimado pela sociedade, só se torna significativa para o (a) aluno (a) se fizer uso e valorizar seus conhecimentos anteriores, se produzir saberes novos que façam sentido na vida fora da escola, se possibilitar a inserção do jovem e adultos no mundo letrado.:

A educação como prática da liberdade diferencia-se da simples transmissão de informação e vem no sentido de produzir um senso crítico que leve o sujeito a entender, reivindicar e se transformar. Além disso, a educação libertadora resulta na consciência do aluno sobre o mundo em que vive e refere-se à ideia de que é preciso existir uma troca contínua de conhecimento entre educador e educando. Paulo Freire não considerava seu pensamento educacional como uma metodologia de ensino.

Ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo mundo, o resultado sempre foi gratificante e muitas vezes comovente. O homem iletrado chega humilde e culpado, mas aos poucos descobre com orgulho que também é um “fazedor de cultura” e, mais ainda, que a condição de inferioridade não se deve a uma incompetência sua, mas resulta de lhe ter sido roubada a humanidade. O método Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria e prática: no processo, quando o homem descobre que sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interferir na realidade, de certa forma. Percebendo-se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que até então detêm seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra. Aranha (1996, p. 209).

Com isso pode-se afirmar que a EJA, ajuda a todos esses alunos e alunas, a conquistarem o seu espaço e alcançarem seus objetivos que é terminar seus estudos e terem uma vida melhor.

Sabe-se que a procura desses alunos e alunas da EJA pela escola não se dá de forma simples. Ao contrário, em muitos casos, trata-se de uma decisão que envolve as famílias, os padrões, as condições de acesso e a distância entre casa e

escola, as possibilidades de custear os estudos e, muitas vezes, trata-se de um processo contínuo de idas e vindas, de ingressos e desistências. Ir à escola, para um jovem ou adulto, é antes de tudo, um desafio, um projeto de vida, pois são pessoas com comportamentos e opiniões totalmente diferentes que tem que conviver e manter um bom relacionamento em sala de aula.

4 CULTURA E DIVERSIDADE: Perfil dos alunos e alunas de EJA

Mas, quem são esses alunos e alunas que se encaixam dentro desse contexto? Quem vive esse desafio de retornar a uma sala de aula depois de adultos, mesmo possuindo tantas outras responsabilidades?

São jovens e adultos que por sua experiência de vida são possuidores de um saber sensível, o que os diferencia dos demais, sendo em sua grande maioria receptiva para novas aprendizagens. Protagonistas de histórias reais e ricos em experiências vividas, esses jovens e adultos, que passam a serem vistos como alunos, configuram tipos humanos diversos. São homens e mulheres que chegam à escola com crenças e valores já construídos, cada um com seus valores éticos e morais, porém, estão ali em busca de um mesmo sonho, com um só objetivo, que é terminar seus estudos e não perderem novamente a oportunidade que não tiveram no passado.

Existem também aqueles alunos que moram na zona rural, que se diferenciam dos alunos que vivem na zona urbana, especialmente por serem pessoas que passam o dia desenvolvendo trabalho braçal na roça ou no campo, vivendo um desafio diário de chegar ao fim do dia e vencerem o cansaço, para enfrentar uma sala de aula, mesmo sabendo que no dia seguinte o trabalho começará logo cedo nas primeiras horas. Nesse cenário o professor tem o desafio de não somente educar, tendo como ponto de partida a fase onde este aluno parou, mas, em muitos casos o professor precisa alfabetizar esses alunos, porém esses professores em sua grande maioria não estão aptos para desenvolverem tal atividade de alfabetização, constituindo assim outro grande desafio para eles e para todos aqueles envolvidos no âmbito escolar. Aí entra a figura do professor, que terá também que atrelar a sua aula, ao modo de vida desses alunos, respeitando e

ouvindo os comentários de sua vida no cotidiano que eles trazem para a sala de aula. Tanto na zona rural, como na zona urbana, a realidade é a mesma.

Para Freire, a educação deveria corresponder à formação plena do ser humano, denominada por ele de preparação para a vida, com formação de valores, atrelados a uma proposta política de uma pedagogia libertadora, fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária:

Quando se fala em educar jovens e adultos, estamos falando em cidadãos que querem deixar-se educar pelo simples fato de se sentirem aptos a conviver em sociedade, se igualando aos demais sujeitos, os chamados “letrados”, pois o desejo em aprender e ter algo de concreto em suas vidas faz desses alunos pessoas que futuramente podem incomodar, já que para a maioria dos governantes, será muito mais viável que esses alunos continuem na ignorância, pois assim não saberão de seus direitos e não poderão reclamar por eles.

Ao refletir sobre esses alunos e alunas da EJA, nota-se a maneira como se deve trabalhar com esse aluno em sala de aula, como eles vivem, quais são os seus sonhos e também seus receios, se estão dispostos a receber esse conhecimento que tanto almejam. Como o professor pode adaptar a sua aula ou, mesmo se o professor está aberto a receber essa troca de conhecimento entre aluno e professor. Quem são esses alunos e alunas que se quer educar? Esses alunos são jovens e adultos, homens e mulheres que vai dos alunos que trabalham no comércio informal aos alunos que trabalham no campo, são alunos e alunas em busca de conhecimento.

Para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente. Estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar (ou melhor dito: A quem queremos ajudar a educar-se). (FREIRE, 1980, pp. 33-34).

Esses alunos são como crianças nos anos iniciais aprendendo a ler, a diferença é que ao contrário das crianças, esses alunos já tem uma bagagem de vida, como opinião e personalidade formada, agem de acordo com a sua cultura e com o que aprenderam ao longo da vida. Mas quando aprendem a ler, isso se tratando dos alunos totalmente analfabetos, são como crianças, leem tudo que pegam, como por exemplo: Anúncios, revistas, encartes, etc...

Os não alfabetizados desenvolvem, portanto, diversas estratégias para lidar com situações em que a escrita está presente na sociedade, pois a mesma

sociedade que os “acolhe”, também pode ser a mesma sociedade que os “discriminam” por serem alunos e alunas da EJA e conseqüentemente para eles “analfabetos”.

Portanto, o aluno jovem e adulto, como cidadão, já ocupa lugar na sociedade e participa de diferentes grupos sociais. A história pessoal desses jovens e desses adultos é marcada pelas diferentes vivências na sociedade que participam, e sua identidade tem múltiplas fontes de referências a partir das quais foram construídos os conhecimentos, os valores, as crenças. Pois cada um desses alunos e alunas da EJA, tanto da zona rural, quanto da zona urbana, tem costumes e maneiras diferentes, pensamentos e personalidades próprios, porém, tem que aprender e a conviver juntos em uma sala de aula mista, e o educador tem que observar e se adequar a esse tipo de situação, para assim desenvolver as atividades de maneira que possa obter bons resultados. No entanto, nem sempre eles se reconhecem como agentes nessa sociedade, porque eles sofrem os efeitos dos mecanismos de exclusão social próprios de uma sociedade de classes. Desse modo, o papel do educador é favorecer situações de reflexão acerca das condições de participação social dos alunos.

Por outro lado, mesmo considerando que os alunos jovens e adultos têm uma participação efetiva na sociedade e nos diversos grupos sociais, o acesso a muitos eventos e práticas mediadas por textos escritos é limitado porque eles não dispõem de ferramentas que possibilitem tal participação, principalmente o domínio dos mecanismos de leitura e escrita e alguns conhecimentos textuais necessários a uma interação mais plena através desses textos. O que possibilita a esses alunos se sentirem excluídos só por não serem alunos do ensino regular e serem vistos de maneira diferente por todos, até pelo próprio professor, pois a maioria deles, não são qualificados para estarem em uma sala de aula da EJA e portanto, não se dedicam a ajudar esses alunos como deveriam, indo para a sala de aula de qualquer jeito e não aproveitando a vivência e sabedoria de cada um, pois se trata de uma troca de experiência entre aluno e professor.

É preciso, então, que diversas práticas sociais características das sociedades letradas sejam recuperadas, e a partir delas sejam selecionados textos adequados para alfabetizar esses alunos, de maneira que todos possam interagir sem se sentirem excluídos ou diferentes dos demais, principalmente se tratando dos

alunos totalmente analfabetos. Tanto as situações de interação social já familiar ao aluno quanto aquelas a que ele ainda não tem acesso, devem servir de referências para escolha dos recursos didáticos, pois todas as experiências vividas no cotidiano desses alunos e relatados em sala, devem ser acolhidos pelo professor e aplicado em sala por ele.

É nesse sentido a afirmação de Scortegagna e Oliveira (2006):

Freire, trazendo este novo espírito da época acabou por se tornar um marco teórico na Educação de Adultos, desenvolvendo uma metodologia própria de trabalho, que unia pela primeira vez a especificidade dessa Educação em relação a quem educar, para que e como educar, a partir do princípio de que a educação era um ato político, podendo servir tanto para a submissão como para a libertação do povo. (SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2006, p.5).

Cada um desses alunos e alunas da EJA, com meios de vida tão diferentes uns dos outros, mas tendo que conviver em um mesmo ambiente que é a sala de aula, em busca de um mesmo objetivo, são pessoas que trabalham durante o dia, pais e mães de família, jovens que tiveram que abrir mãos dos estudos para poder trabalhar e ajudar no sustento da família, outros porque desperdiçaram a chance de ter um ensino regular e que hoje retornam para a sala de aula somente porque os pais obrigam. Nessa perspectiva, atitudes e crenças religiosas dos próprios alunos são concebidas como fonte de experiências que podem ser compartilhadas no cotidiano das interações em sala de aula, bem como podiam resgatar informações preciosas sobre os valores éticos de cada um desses aprendizes e do grupo como um todo.

O modo de vida desses alunos e alunas da EJA, não é valorizado e muito menos são motivo de preocupação para o governo e às vezes até pela própria instituição, pois são alunos que trabalham o dia inteiro e ainda têm disposição para enfrentar uma sala de aula durante a noite, são jovens e adultos que dividem o mesmo espaço em busca de um mesmo objetivo e tendo que respeitar um ao outro para o bem comum e harmonia da sala. Mas será que tal esforço é valorizado, ou será que o que importa é uma sala de aula cheia para que garanta a satisfação de uma sociedade que só se importa em manter programas sociais para assim tentar mostrar uma realidade que não existe realmente?

Os jovens que passaram por uma sala de aula da EJA e hoje estão na faculdade, se sentem vencedores por tal façanha, pois às vezes são desacreditados

e discriminados por serem alunos da EJA e por não terem terminado o ensino médio em uma sala de aula do ensino regular, portanto, esses alunos, cada um com seu perfil, conquistaram seu espaço, mostrando que mesmo com tantas dificuldades, pessoas diferentes podem conviver em um mesmo espaço escolar, trocando experiências de vida que podem ajudar o professor em sala de aula.

Muito relacionada à concepção anterior encontra-se a própria representação da alfabetização. Em geral, acredita-se, como fizeram os nossos antepassados, que a alfabetização geraria, necessariamente, o progresso, pessoal ou social. Nesse sentido, circulam diariamente discursos que comparam as campanhas ou programas de alfabetização a uma nova abolição.

“As pessoas analfabetas não deveriam ser vistas como imaturas e ignorantes, pois o desenvolvimento educativo deveria acontecer conforme as necessidades desses alunos e alunas da EJA”. Paulo Freire (1987).

Para alguns grupos, aprender a ler e a escrever é uma condição quase imprescindível para que se insira, de maneira mais pertinente e com maior propriedade, no mundo urbano, no campo de trabalho, em alguns espaços de lazer. Por outro lado, para alguns segmentos – pode-se pensar, por exemplo, em algumas comunidades rurais em que não circulam objetos escritos e impressos ou, de maneira extrema, em aldeias indígenas isoladas – aprender a ler e a escrever não tem o mesmo grau de importância.

Muitas ações foram, nesse sentido, realizadas sob a marca da improvisação, do voluntariado, da transposição de métodos e materiais didáticos da escola para crianças a escola de adultos. O acesso desses jovens e adultos à escola deixa de ser visto, portanto, como um direito, para ser considerado como uma ação emergencial, às vezes missionária, caritativa.

Nesse sentido, qualquer pessoa de “boa vontade”, com “paciência” e espírito missionário pode se tornar um alfabetizador. Na verdade, cada vez mais, sabemos que, para ensinar a ler e a escrever a jovens e adultos uma série de saberes são necessários. Um agrupamento de adultos é caracterizado por uma grande heterogeneidade. São pessoas com experiências e bagagens distintas provindas das vivências no campo familiar, social e no mundo do trabalho. Há os jovens, os mais jovens – adolescentes os adultos e os mais adultos – a terceira idade. Há negros, brancos, homens, mulheres, católicos, evangélicos, praticantes de religiões de origem africana.

Essa diversidade de trajetória requer um melhor preparo do educador; logo, não é mais fácil que ensinar para crianças. Também não é como afirmou Lourenço Filho, mais simples. Via de regra, o adulto é visto e se vê como alguém que “perdeu tempo”, que não aprendeu no momento propício e que se encontra com a “cabeça dura” para se envolver em novos processos de formação. Essas características tornam o processo mais complexo e requerem um “olha diferenciado” para esse público exigindo propostas pedagógicas adequadas e metodologias apropriadas para a educação de adultos.

As pessoas analfabetas não deveriam ser vistas como imaturas e ignorantes, pois o desenvolvimento educativo deveria acontecer conforme as necessidades desses alunos e alunas da EJA. (Paulo Freire, 1987).

Outra marca forte deste interessante campo são as inúmeras experiências que os alunos já tiveram com a escola, praticamente todos os alunos já vivenciaram, ainda que por pouco tempo, experiências no espaço escolar.

Pretende-se estudar ainda as diferentes histórias dos jovens e adultos em processos de escolarização e suas relações com o mundo do trabalho e com a educação, buscando compreender as razões e motivações que os levam a abandonar ou retornar à escola, e buscando entender como vivenciaram o processo educativo. Esta é também uma oportunidade de reflexão sobre a prática pedagógica na EJA a partir da visão desses alunos. Além disso, pode fornecer subsídios para a criação de políticas públicas ajustadas às necessidades dos sujeitos da EJA. Nesse contexto, Soares (2005, p. 127) afirma que:

As discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos têm priorizado as seguintes temáticas: a necessidade de se estabelecer um perfil mais aprofundado do aluno; a tomada da realidade em que está inserido como ponto de partida das ações pedagógicas; o repensar de currículos, com metodologias e materiais didáticos adequados às suas necessidades; e, finalmente, a formação de professores condizente com a sua especificidade. A Conferência de Jomtien (1990) – Educação para Todos – já estabelecia como estratégia para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem de todos a exigência de conteúdos, meios e modalidades de ensino e aprendizagem apropriados a cada um.

A escolha do tema se deu pelo interesse de mostrar quem são esses alunos da EJA, que apesar de todas as adversidades são pessoas adultas de opinião formada, onde ocupam em um mesmo espaço as mais diversas formas de pensar sobre esse momento em que vivem. Partindo desse ponto, o professor deve buscar uma metodologia de ensino para que esses alunos se mantenham firmes em

seu propósito de terminar seus estudos obtendo um resultado satisfatório. O esforço individual de cada um deles, deve ser levado em consideração durante o processo de ensino aprendizagem dentro da sala de aula, assim como também suas opiniões e a forma de se expressarem, lembrando sempre de respeitar a individualidade de cada um deles.

Sabe-se que o papel docente é de fundamental importância no processo de reingresso desses alunos às turmas de Educação de Jovens e Adultos. Por isso, o professor da EJA, deve também ser um professor especial, capaz de identificar o potencial de cada aluno, ele deve aprender a conhecer também sua essência, pois são pessoas com perfis totalmente diferentes, mas em busca de um só objetivo.

É preciso que a sociedade compreenda que esses alunos e alunas vivenciam problemas como o preconceito, vergonha, discriminação, críticas, dentre tantos outros e que tais questões são vivenciadas tanto no cotidiano familiar como na vida em comunidade.

Os alunos da EJA têm traços de vida, origens, idade, vivências profissionais, históricos escolares, ritmos de aprendizagens e estruturas de pensamentos muito diferentes. São pessoas que vivem no mundo do trabalho, capitalismo, com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridos e nada disso deve ser revelado no processo educacional.

Arroyo (2016, P.35), assim afirma:

Essas diferenças podem ser uma riqueza para o fazer educativo. Quando os interlocutores falam de coisas diferentes, o diálogo possível. Quando só os mestres tem o que falar não passa de um monólogo. Os Jovens e Adultos carregam as condições de pensar sua educação como diálogo. Se toda educação exige uma deferência pelos interlocutores são jovens e adultos carregados de tensas vivências, essa deferência deverá ter um significado educativo especial.

Ao escolherem o caminho da escola, os jovens e adultos optam por uma vida propícia para promover o seu desenvolvimento pessoal. As condições de acesso, a distância entre a casa e a escola, as possibilidades de custear os estudos e, muitas vezes, trata-se de um processo contínuo de idas e vindas, de ingressos e desistências. Ir à escola, para um jovem ou um adulto é, antes de tudo, um desafio, um projeto de vida.

Os conhecimentos de um indivíduo são divididos em dois: O pré-estabelecido e o saber adquirido.

a) O pré-estabelecido é aquele saber da primeira relação com o mundo e o fundado na percepção das coisas e do outro, de acordo com suas experiências e vivências, o famoso conhecimento prévio.

b) O adquirido é o saber de dentro da sala de aula, teorias e ensinamentos e, ambos são importantes para sua formação onde nenhum pode ser dispensado.

A visão de mundo dos alunos e alunas da EJA, os que voltam para a sala de aula depois de adultos, ou mesmo aqueles que iniciam sua trajetória escolar nessa fase da vida é bastante peculiar. Protagonistas de histórias reais e ricos em experiência vividas, os alunos da EJA configuram tipos humanos e diversos, são pessoas que chegam à escola já depois de adultos formando assim grupos diversos onde cada um tem sua própria personalidade. São homens e mulheres, jovens, adultos e até idosos que chegam na escola com crenças e valores já constituídos, porém com um mesmo objetivo, conseguir recuperar o tempo perdido e assim se sentirem pessoas inseridas em uma sociedade totalmente exigente e com valores educacionais.

As escolas recebem esses alunos e alunas com traços de vida, origens, idades, vivências profissionais e pessoais, históricos escolares, ritmos de aprendizagem e um modo de pensar totalmente completamente diferentes e variados.

Cada aluno corresponde a uma realidade, o que não poderia ser de outra forma, são pessoas que vivem no mundo adulto, com trabalhos e responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados, dentro do ambiente que estão inseridos, cada um com sua cultura e seus costumes.

Pode-se dizer que eles trazem uma noção de mundo apoiada numa adesão espontânea e imediata às coisas que vê. Ao escolher o caminho da escola, a interrogação passa a acompanhar o ver desse aluno, deixando-o preparado para olhar. Dispostos a aprender, esses alunos e alunas da EJA vêm para a sala de aula com um olhar aberto, com um olhar que é, por um lado, um olhar receptivo, sensível, e por outro, é um olhar ativo, curioso, explorador, curioso, que pensa, que investiga.

Os professores da EJA devem ser comprometidos com a aprendizagem desses alunos e alunas, adequando métodos incessantemente cada vez mais relacionados à realidade do público que estão trabalhando, inserindo no currículo a realidade de cada aluno.

As concepções de Freire (1999) são de grande importância para esse trabalho docente, assim como, a importância da aplicabilidade de sua metodologia no fazer pedagógico do educador, somando desta maneira positivamente para as mudanças e transformações desses alunos que buscam por um aprendizado de qualidade no ambiente escolar que estão inseridos.

Alguns desses alunos ainda têm que serem alfabetizados, sonha com o dia em que possam assinar seus nomes sozinhos, ajudar os filhos nas tarefas escolares e principalmente de deixarem ser chamados de analfabetos e se sentirem pessoas alfabetizadas e com isso se sentirem cidadãos de respeito com seus direitos garantidos que é o de serem alfabetizados.

É muito importante que o professor conheça a realidade de seus alunos, seu cotidiano, suas vivências, que servirão de conteúdos a serem trabalhados. A prática da ação-reflexão-ação permite ao professor lançar estratégias para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Ao observar turmas da EJA é comum perceber que os professores regentes em tais turmas são geralmente professores experientes que despertam a confiança em seus alunos, e que acreditam na educação como foco de mudança.

Neste sentido, o professor é um agente facilitador no processo de construção e reconstrução do conhecimento, por isso deve propiciar atividades que facilitem a aprendizagem e contribua para a formação do cidadão reflexivo e atuante na sociedade, capaz de atuar diante de diferentes situações que são impostas pela sociedade.

O conhecimento na ação, ou o conhecimento tácito, seria aquele constituído na prática cotidiana do exercício profissional. Concebemos que esse é um saber que se constrói com base nos conhecimentos prévios de formação inicial, articulado com os saberes gerados na prática cotidiana, de forma assistemática e muitas vezes sem tomada de consciência acerca dos modos de construção. Para um projeto de formação numa base reflexiva, torna-se fundamental conhecer e valorizar esses conhecimentos que são constituídos pelos professores, seja através de uma reflexão teórica, seja através desses processos eminentemente assistemáticos. (LEAL, 2005, p.114).

É importante ressaltar o fato que esses alunos e alunas com perfis tão diferentes, conseguem conviver em um mesmo ambiente, se aproximar, se conhecer, se ajudar, aprender e a respeitar um ao outro, mas, também é muito importante lembrar que ainda existem educadores que não conseguem lidar com esses alunos, que não tem responsabilidade no seu papel e, sobretudo, não respeitam, não aceitam, não compreendem que em sala de aula da EJA existem pessoas com faixa etária diferentes, que pensam de maneira diferente e que o seu desenvolvimento cognitivo não são iguais.

O professor por sua vez, tem que ter um olhar examinador, analisar cada aluno, seu comportamento, a sua bagagem escolar, pois ele tem ali uma turma mista, com pessoas com idade diferente, ele terá alunos que já sabem ou tem noção de leitura, escrita, etc. Mas também ele terá alguns alunos que precisarão ser literalmente alfabetizados, sem bagagem nenhuma, e como trabalhar com eles para que eles, pelo fato de não estarem tão adiantados como os colegas, não se sintam inferiores a eles.

Além disso, a escola que os alunos têm em seu imaginário, aquela que conhecem porque já passaram por ela anos atrás ou porque acompanham o cotidiano de seus filhos, nem sempre é aquela com que se deparam nos primeiros dias de aula, onde terão que conviver com outras pessoas de sua idade, mais novas ou mais velhas e com pensamentos totalmente contrários ao seu. Nesses casos, esperam encontrar o modelo tradicional de escola, ou seja, um lugar onde predominam aulas expositivas, com pontos copiados da lousa, onde o (a) professor (a) é o único detentor do saber e transmite conteúdos que são recebidos passivamente pelo (a) professor (a) é o único detentor do saber e transmite conteúdos que são recebidos passivamente pelo (a) aluno (a).

5 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente estudo, define o Perfil desses alunos e alunas da Educação de Jovens e Adultos, percebe-se uma trajetória marcada por muitas transformações, demonstrando estar totalmente relacionada às mudanças sociais, políticas e econômicas que caracterizaram cada momento da vida desses alunos de modos de vida tão diversificados.

Compreendendo que a EJA como prevista por lei, que propõe dar oportunidade para todos aqueles que querem concluir seus estudos que foram interrompidos por algum motivo e não puderam completar na idade própria, percebe-se que na prática ainda há muito que se fazer.

É nesse sentido, pois, que o método de Paulo Freire oferece condições de educação para os alunos desta modalidade de ensino. Entende-se em Freire (1980), que a alfabetização não deve limitar-se a algo completamente mecânico e de memória.

Conclui-se que um dos fatores que mais dificulta a Educação de Jovens e Adultos é que eles tiveram que começar a trabalhar muito cedo, isso mostra que por causa do trabalho deixaram os estudos incompletos. Essa necessidade de trabalhar muito cedo e a inexperiência desses alunos em conciliarem trabalho e emprego fez com que os estudos ficassem de lado.

Nota-se que o programa é mais eficaz com pessoas de mais idade, talvez, por levar o ensino mais a sério e com responsabilidade, pois os mais novos são mais desinteressados pelo estudo, estão mais preocupados com o diploma no fim do curso, mal querem terminar o Ensino Médio, percebe-se um descaso e falta de perspectiva dessas pessoas por não quererem um futuro melhor e por isso não dão a devida valor a essa modalidade de ensino.

São pessoas totalmente diferentes, mas que conseguem conviver muito bem entre si, mesmo com todas as suas limitações e desafios, pois não são poucos.

Os alunos da Educação de Jovens e Adultos, trata-se de um público que historicamente vem sendo excluído, quer pela impossibilidade de acesso à escolarização, quer pela exclusão do ensino regular ou pela necessidade de trabalhar o dia todo e com isso, não encontrando tempo para os estudos no período regular. São alunos que na sua maioria, estão inseridos no mercado de trabalho, ou que ainda esperam nele ingressar, visam à certificação para manter sua vida profissional ou para o próprio conhecimento almejando a melhoria da qualidade de vida, ambos tiveram que romper barreiras preconceituosas, geralmente transpostas em função de um grande desejo de aprender e com isso se sentirem acolhidos e incluídos na sociedade. E palavras, al

Estes alunos tem a característica de responder pelos seus atos e palavras, além de assumir responsabilidades, as vezes muito cedo em se tratando dos jovens, diante dos desafios da vida.

Quando chegam à escola, eles já trazem consigo uma bagagem, seja de experiências ou conhecimentos, o que podemos chamar de saberes nascidos dos seus fazeres, o que gera também muitos medos, pouca autoestima e pouca motivação para aprender, o que leva a índices consideráveis de desistência da escola pelos mesmos.

Alguns desses alunos e alunas da EJA, são motivados pelo simples fato de se alfabetizarem, ou seja, aprender a escrever pelo menos o próprio nome, outros almejam algo melhor, terminar os estudos e poder realizar o sonho de frequentar uma faculdade, temos muitos exemplos, um deles por exemplo é o da aluna do oitavo período da turma de Pedagogia da Faculdade IESF, Richellin Frazão, que terminou o ensino médio de uma sala de Educação de Jovens e Adultos e hoje termina a sua graduação, sem receio ou vergonha alguma de dizer que já foi aluna da EJA.

Entende-se que, apesar das turmas da EJA nos dias atuais serem salas de aula mistas, não se mostra um empecilho para que esses alunos e alunas não possam obter um bom aproveitamento em sala, sabem-se que as dificuldades são muitas, os desafios a serem vencidos são diários, mas podem ser vencidos com perseverança e boa vontade, pois trata-se de uma sala de aula com pessoas totalmente diferentes umas das outras, uns mais velhos, outros mais novos, alguns alfabetizados, outros totalmente analfabetos, mas tendo que conviver, pois todas essas diferenças juntas, podem ajudar até o professor em sala, pois uns são detentores do saber e outros do conhecimentos, sabedoria e conhecimento juntos, para um melhor entendimento, entre aluno e professor.

THE PROFILE OF STUDENTS OF THE YOUTH AND ADULT EDUCATION

STUDENTS: literacy and diversity

ABSTRATC

This work presents an analysis about the Profile of Students and Students of Education of Young and Adult in Brazil. The changes that have occurred over time and who these EJA students are, how they live, what their difficulties and desires are and their perspectives on their student life. In order to do so, they show the difficulties that some find in relating to people of customs, personalities, traditions and ways of life so different. The difficulties mainly of the students of the rural zone, because the access to the school of way in general, is more difficult. The work was carried out through bibliographical research, where the question of the education of young people and adults in Brazil was explored, the challenges encountered by educators who, for the most part, do not have the training to face such a challenge, the classrooms that have ceased to be standard to become mixed rooms and especially, a selfish public power with self-interests. Therefore, this study shows victories and overcomes of many pupils who are now finishing higher education and who are proud to say that they finished high school in an EJA classroom.

Keywords: Life; Overcoming; Profile; Right; Young; Adults.

REFERÊNCIAS

Arroyo, M. **Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidades pública.**

Martins. Ana Rita. (2010, setembro). **Pelo direito de saber ler e escrever.** Nova Escola, pp. 87-94.

Aranha (1996, p. 209).

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade. São Paulo:** Cortez, 2011.

Apud PAIVA, 1983, P. 73.

De Lemos (1998, p. 16-17).

Fala de Freire a revista PELANDRÉ (2002, P. 53).

FREIRE, 1980, P. 33-34.

Scortegagna e Oliveira (2006, p. 5)

Soares (2005, p. 127).

Arroyo (2016, p. 35).

LEAL (2005, p. 114).

AÇÃO EDUCATIVA. **Breve histórico da educação de jovens e adultos no Brasil.**

In: Educação de jovens e adultos: proposta curricular para o 1 segmento do ensino fundamental. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação DOT, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Secretaria Municipal de Educação.**

Coleção Uma Nova EJA para São Paulo caderno 3: Traçando o perfil de educandos e professores. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação DOT, 2004.

ALVARES, Sonia Carbonell. **Arte e Educação estética para jovens e adultos:** as

transformações no olhar do aluno. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de São Paulo - Faculdade de Educação, 2006. 180 p. Sob orientação da profa. Dra. Marta Kolh.

BARRETO, Vera. Paulo Freire para educadores. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade. São Paulo:** Cortez, 2001.